

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

PAISAGEM CULTURAL E PALIMPSESTO URBANO: AUTENTICIDADE E TEMPO EM OURO PRETO

Nina Monticelli (contato@ninaarquitetura.com.br)

Toda paisagem cultural é atravessada pelo tempo, e sua autenticidade reside na capacidade de tornar legíveis as diferentes temporalidades que a constituem. Partindo dessa premissa, este trabalho propõe uma leitura da paisagem urbana histórica de Ouro Preto como palimpsesto urbano, compreendendo o território como uma construção cultural em permanente transformação, na qual espaço, tempo e experiência histórica se articulam de forma indissociável.

A reflexão fundamenta-se na articulação entre os conceitos de *genius loci*, entendido como o espírito do lugar na perspectiva fenomenológica de Christian Norberg-Schulz (1979), e *zeitgeist*, o espírito do tempo, conforme formulado no pensamento histórico-filosófico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Parte-se do entendimento de que nenhuma forma cultural pode ser julgada fora de seu tempo histórico e de que formas autênticas são aquelas coerentes com o espírito do seu próprio tempo — e não imitações deslocadas de outros

períodos. Cada época, nesse sentido, constrói segundo a sua própria verdade histórica, condição essencial para a inteligibilidade da paisagem cultural.

O estudo ancora-se em pesquisa em andamento sobre autenticidade arquitetônica no conjunto urbano tombado de Ouro Preto, adotando a noção de território como palimpsesto, conforme formulada por André Corboz, para compreender a paisagem urbana como um campo de sobreposição de temporalidades. Nessa perspectiva, permanências materiais, usos contemporâneos e valores simbólicos coexistem como camadas históricas que estruturam a experiência do lugar e a leitura crítica do patrimônio urbano.

O trabalho dialoga com as contribuições de Alois Riegl, ao reconhecer que os valores atribuídos aos monumentos — valor de antiguidade, valor histórico e valor de uso — se transformam ao longo do tempo, evidenciando a atuação do *zeitgeist* nos processos de preservação. Incorpora-se, ainda, a perspectiva de Cesare Brandi, segundo a qual a restauração deve respeitar a historicidade da obra sem falsificar o tempo, rejeitando intervenções baseadas na mimetização anacrônica de estilos passados. Essa compreensão é reforçada pelo Documento de Nara sobre a Autenticidade, do ICOMOS, ao afirmar que a autenticidade é culturalmente e temporalmente construída, variando conforme os valores atribuídos em cada contexto histórico.

Argumenta-se que a fragilização da paisagem cultural não decorre das transformações associadas ao tempo presente, mas da tentativa de fixar uma imagem idealizada do passado, comprometendo a legibilidade histórica da paisagem urbana. A crítica à museificação e à fixação estética do patrimônio, conforme discutida por Françoise Choay, reforça a necessidade de compreender a paisagem urbana histórica como patrimônio vivo, no qual permanência e transformação constituem uma unidade indissociável.

Conclui-se que a valorização da autenticidade na paisagem urbana histórica pressupõe o reconhecimento simultâneo do *genius loci* e do *zeitgeist*, compreendendo a paisagem cultural como expressão contínua da relação entre espaço, tempo e experiência. Nesse sentido, o artigo analisará casos específicos em Ouro Preto nos quais intervenções de caráter mimético, ao reproduzirem uma estética colonial deslocada de seu tempo histórico, interferem na leitura do palimpsesto urbano e tensionam a autenticidade da paisagem cultural.

Palavras-chave: paisagem cultural; palimpsesto urbano; autenticidade patrimonial; *genius loci*; *zeitgeist*.

